

## Economia, Finanças e Contabilidade

# Cooperativas de crédito e competitividade no mercado financeiro brasileiro: uma análise das taxas de juros

Credit unions and competitiveness in the brazilian financial market:  
an analysis of interest rates

Valéria Gama Fully Bressan<sup>I</sup> , Gustavo Henrique Dias Souza<sup>I</sup> ,  
Marcelo Henrique Shinkoda Santos<sup>II</sup> , Marcelo José Braga<sup>II</sup> 

<sup>I</sup> Universidade Federal de Minas Gerais , Belo Horizonte, MG, Brasil

<sup>II</sup> Universidade Federal de Viçosa , Viçosa, MG, Brasil

## RESUMO

As cooperativas de crédito e os bancos oferecem serviços financeiros, e, portanto, se tornam concorrentes em um mesmo mercado. Dessa forma, essa pesquisa buscou testar se a participação das cooperativas de crédito no mercado financeiro brasileiro oferece competitividade suficiente para influenciar a redução das taxas de juros do mercado. Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa é investigar se as cooperativas de crédito exercem influência nas taxas de juros do mercado financeiro. A pesquisa é de natureza quantitativa e os dados são referentes à taxa de juros representativo de empréstimos e títulos. A fim de testar os objetivos propostos, foram realizados testes de diferença de média (Mann-Whitney) e de diferença de mediana. Os resultados indicaram que há diferença entre as taxas bancárias e as taxas cobradas pelas cooperativas de crédito, sendo as das cooperativas de crédito mais baixas que as dos bancos, mas não foram encontradas evidências de que a concorrência exercida pelas cooperativas de crédito fosse suficiente ao ponto de influenciar as taxas de juros cobradas pelos bancos.

**Palavras-chave:** Cooperativismo de crédito; Balizadores de taxas de mercado; Concorrência bancária

## ABSTRACT

Credit unions and banks provide financial services and, therefore, become competitors in the same market. Thus, this research aimed to test whether the participation of credit unions in the Brazilian financial market offers sufficient competitiveness to influence the reduction of market interest rates. Therefore, the main objective of this research is to investigate whether credit unions influence interest rates in the financial market. The research is quantitative in nature, and data refer to interest rates representative of loans and bonds. In order to test the objectives, tests for mean difference (Mann-

Whitney) and median difference were performed. The results indicated that there is a difference between bank rates and those charged by credit unions, with credit unions rates being lower than those of banks, but no evidence was found that the competition from credit unions was sufficient to influence the interest rates of banks.

**Keywords:** Credit unions; Market rate beaters; Banking competition

## 1 INTRODUÇÃO

O cooperativismo é um movimento de suma importância para a sociedade, promovendo aplicação de recursos privados e assumindo riscos em prol da comunidade em que se desenvolve (Pinheiro, 2008). Uma cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade comum e democraticamente gerida. Além disso, as cooperativas possuem princípio de adesão livre e voluntária e de participação econômica dos membros, e são geridas pelos cooperados aos quais oferecem serviços.

As cooperativas de crédito são guiadas por filosofias e objetivos que as direcionam para uma diversidade de pessoas e para a gestão dos negócios financeiros de seus cooperados, conseguindo atender a finalidades econômicas e sociais dos membros, devolvendo a eles as sobras resultantes de suas atividades comerciais (Mckillop; Wilson, 2011).

Para terem seus propósitos econômicos alcançados, os associados podem considerar os possíveis benefícios monetários decorrentes dos resultados das cooperativas, como também os benefícios em termos de taxas e preços competitivos para oferecimento de produtos e serviços bancários (Rubin *et al.*, 2013).

Apesar de as cooperativas de crédito oferecerem os mesmos produtos e serviços que os bancos, existem diferenças importantes entre essas instituições financeiras (Banco Central do Brasil [BACEN], 2019a). O controle societário pode ser destacado com relação a essa diferenciação. Os bancos são sociedades de capital e o voto é representado pela participação societária, enquanto as cooperativas são sociedades de pessoas e cada cooperado possui direito a apenas um voto. Outras diferenciações que

podem ser citadas são os clientes de cada tipo de instituição, a forma de distribuição dos resultados líquidos e de tributação.

Como as cooperativas de crédito e os bancos oferecem serviços financeiros, elas se tornam concorrentes em um mesmo mercado. Paulo Sérgio Neves de Souza, Diretor de Fiscalização do Banco Central, ressalta que as instituições financeiras de forma geral contribuem para o desenvolvimento da economia ao passo que oferecem esses serviços financeiros, mas as cooperativas de crédito, em especial, oferecem serviços mais personalizados aos seus associados e contribuem para a capilaridade dos atendimentos do Sistema Financeiro Nacional (SFN), facilitando a inclusão financeira (Peroni, 2020). A inclusão financeira proporcionada pelas cooperativas ainda está ligada ao fator geográfico, já que, muitas vezes, elas se inserem em regiões em que as entidades tradicionais podem não estar presentes ainda.

Assim, as cooperativas podem se tornar competitivas no mercado financeiro, exercendo pressão sobre os bancos e trazendo, portanto, uma maior eficiência ao sistema. O Diretor de Fiscalização do Bacen, ressalta que pelo fato de não visarem lucro, as cooperativas repartem as sobras entre os cooperados e a própria comunidade, o que possibilita a elas o oferecimento de produtos financeiros a preços mais competitivos. Outro aspecto que poderia ser considerado como potencial para serviços a preços mais competitivos seria a organização das cooperativas, em formas de centrais e confederações, o que possibilita a elas um maior ganho de escala, com possibilidade também de redução de custos, ampliando a capacidade de serviços mais baratos (Peroni, 2020).

A fim de aumentar a eficiência do SFN e de reduzir os custos de crédito, o Banco Central tem estimulado o setor cooperativista de crédito nos últimos anos. O cooperativismo de crédito é um dos temas centrais da Agenda BC# e é visto como importante para melhorar a transparência e a inclusão no SFN, além de melhorar a competitividade (Bacen, 2019a). Para o fortalecimento dessa competitividade e fortalecimento do setor cooperativista no SFN foram publicadas duas importantes

resoluções do Conselho Monetário Nacional em 2019, que permitem a captação de poupança rural pelas cooperativas de crédito (Resolução 4.716, de 25 de abril de 2019) e a captação de depósitos de poupança no âmbito do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (Resolução 4.763, de 23 de novembro de 2019). Assim, observa-se uma evolução das regulações para o setor, que o afetam positivamente, o que também o torna mais competitivo e com maiores condições de promover a inclusão social no país, principalmente a partir do seu fortalecimento e expansão (Bacen, 2019a).

Portanto, a busca pelo crescimento do cooperativismo de crédito no Brasil pode estar pautada na ideia de que isso aumentaria a concorrência no mercado e a eficiência do sistema, na medida em que reduziria os preços dos serviços financeiros que são oferecidos à comunidade em geral. Apesar disso, ainda há incerteza nessa relação, sendo ainda incipientes as discussões e evidências sobre os efeitos da competitividade causada pelas cooperativas de crédito na redução dos preços de serviços financeiros, como as taxas de juros das operações de empréstimos e títulos descontados. Apesar de já existirem estudos que discutem as taxas de juros de cooperativas de crédito e de bancos comerciais (Tokle; Tokle, 2000; Feinberg, 2001a, 2001b; Hannan, 2003; Kondo, 2017; Lawrence; Nguyen; Pacheco, 2022), essa relação ainda é pouco explorada no cenário brasileiro (Annibal; Koyama, 2011a, Campos *et al.*, 2011; Ornelas; Silva; Doornik, 2022) reforçando a necessidade de preenchimento dessa lacuna a fim de verificar se há influência das cooperativas de crédito nas taxas de juros bancárias.

Assim, essa pesquisa parte de um escopo que busca testar se a participação das cooperativas de crédito no mercado financeiro brasileiro oferece competitividade suficiente para influenciar a redução das taxas de juros do mercado. Dentre as razões que fundamentam a relevância desse tipo de investigação, algumas podem ser citadas. As taxas de juros são um fator que afeta as finanças pessoais e empresariais, portanto, reduções nas taxas de juros podem significar economias expressivas para consumidores e empresas que necessitem de empréstimos. Outro ponto está relacionado à competitividade no mercado, uma vez que pode ser essencial avaliar se

e como as cooperativas de crédito afetam as taxas bancárias, o que permite avaliar a eficácia da concorrência no sistema financeiro brasileiro. A partir dessas compreensões, é possível ainda haver desdobramentos para as decisões dos órgãos reguladores sobre a expansão ou restrição das cooperativas de crédito em regiões estratégicas. Por fim, os resultados contribuem para as abordagens econômicas sobre o funcionamento do mercado relacionado às instituições financeiras e as características da oferta e demanda nesse segmento.

Dessa forma, esta pesquisa consiste em estudar o seguinte problema: as cooperativas de crédito influenciam as taxas de mercado? O objetivo principal desta pesquisa é investigar se as cooperativas de crédito exercem influência nas taxas de juros do mercado financeiro. Especificamente buscar-se-á verificar se existem diferenças entre as taxas de juros das cooperativas de crédito e dos bancos; e verificar se existem diferenças entre as taxas de juros dos bancos de municípios em que existem cooperativas de crédito e dos bancos de municípios em que não há cooperativas de crédito.

## **2 COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL**

A história do cooperativismo de crédito no Brasil remonta desde a primeira década de 1900, com fundação da então Caixa de Economia e Empréstimos Amstad, pelo padre Theodor Amstad. Atualmente a cooperativa é denominada Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Pioneira da Serra Gaúcha – Sicredi Pioneira, e continua em funcionamento e está localizada na cidade de Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul (Oorganização das Cooperativas Brasileiras [OCB], 2020).

Com a evolução das cooperativas de crédito no país, diversos instrumentos normativos e resoluções foram criados para regulamentar essas instituições. Uma dessas ferramentas é a Lei n. 5.764 de 16 de dezembro de 1971, a qual estabelece a Política Nacional de Cooperativismo, e retrata os objetivos e a classificação das sociedades cooperativas. Essa Política Nacional estabelece três níveis ou categorias

para as cooperativas de crédito: o de 1º grau ou cooperativas singulares, as quais são formadas por no mínimo 20 pessoas físicas e jurídicas e prestam serviços a seus cooperados; a de 2º grau ou chamadas de cooperativas centrais e federações, são formadas por 3 ou mais cooperativas singulares e prestam serviços às cooperativas filiadas; e as de 3º grau ou confederações, são formadas por 3 ou mais cooperativas centrais/federações e também prestam serviços às cooperativas filiadas.

Em 2019, o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) foi composto por quatro sistemas de três níveis: Cresol, Sicoob, Sicredi e Unicred. Apesar disso, houve redução do número de cooperativas singulares, em 6% em comparação com o ano anterior, motivada por 45 incorporações e 6 dissoluções ocorridas ao longo do ano (Bacen, 2019b). Os sistemas que apresentaram maiores reduções na quantidade de cooperativas singulares foram o Sicoob (32 desfiliações e 22 incorporações) e o Cresol (13 incorporações) (Bacen, 2019b).

Além disso, o cooperativismo de crédito vem se destacando por sua participação na expansão no mercado de crédito brasileiro. As cooperativas têm crescido mais que a média das demais instituições do segmento, aumentando sua participação no mercado e beneficiando diversas pessoas físicas, micro, pequenas e médias empresas e os produtores rurais (Bacen, 2019b).

Para o ano de 2019, o crescimento não foi diferente, se mantendo em patamares superiores ao do Sistema Financeiro Nacional (SFN), tendo inclusive aumentado a quantidade de unidades de atendimento físico, em contramão com o restante do SFN (Bacen, 2019b). Segundo os dados do Panorama do SNCC (Bacen, 2019b), em 2019, o cooperativismo de crédito alcançou a marca de 10,9 milhões de associados (9,4 milhões pessoas físicas e 1,5 milhão de pessoas jurídicas) e os ativos totais somaram R\$ 274 bilhões, crescendo 2,7 vezes mais que os demais segmentos de instituições financeiras.

Com esses crescimentos, o cooperativismo de crédito tem passado a representar uma maior parcela do SFN. Em 2019, o SNCC continuou crescendo, e aumentou essa

representatividade, o que implica dizer que o segmento cresceu a taxas mais elevadas que os outros segmentos do SFN (BACEN, 2019b). Foi possível observar essa expansão em diferentes aspectos da carteira de crédito das cooperativas no período de 2015 a 2019 (Tabela 1). Estes dados indicam que a importância relativa do cooperativismo de crédito no Brasil vem aumentando, atendendo aos cooperados, e chegando em muitos municípios onde a única instituição financeira é a cooperativa de crédito.

Tabela 1 – Ativo Total, Carteira de Crédito e Depósitos do SNCC em relação ao SFN – 2015 a 2019

	2015	2016	2017	2018	2019
<b>Ativo Total</b>	1,7%	2,1%	2,4%	2,7%	3,0%
<b>Carteira de Crédito</b>	2,6%	2,7%	3,2%	3,8%	4,6%
<b>Depósitos</b>	4,1%	5,0%	5,3%	5,6%	6,0%

Fonte: Bacen (2019b)

Devido ao potencial das cooperativas de crédito, o Banco Central, por meio da Agenda BC#, tem dedicado esforços para incentivá-las, principalmente no que diz respeito às dimensões de Inclusão e de Educação (Bacen, 2019b). Isso acontece também pelo potencial que as cooperativas de crédito possuem de se inserir em ambientes remotos e levar produtos e serviços para a comunidade, o que fomenta a concorrência e contribui para o desenvolvimento regional.

Apesar das reduções do número de sedes de cooperativas singulares em 2019, conforme já ressaltado, houve aumento do número de Postos de Atendimento Cooperativo (PAC), com aumento de 659 unidades em 2019, o que representa um aumento de 12,2% com relação a 2018 (Bacen, 2019b). Esse aumento de unidades de atendimento pôde ser observado em todas as regiões do país, destacando ainda mais a capilaridade do segmento cooperativo no Brasil. Ainda em 2019, 87 municípios passam a ter uma sede cooperativa ou PAC, apesar de ainda haver desigualdade na distribuição territorial, com maior concentração na região Sul do país (Bacen, 2019b).

Além do crescimento percentual de municípios atendidos por cooperativas de crédito, houve também aumento no número de municípios que possuem apenas as cooperativas como instituições ofertantes de serviços financeiros. O número desses municípios passou de 184 para 202 (dezembro de 2018 para dezembro 2019) (Bacen, 2019b).

Segundo o Bacen (2019b, p. 10), a tendência apresentada pelo panorama do cooperativismo de crédito em 2019 corrobora com a “busca de maior eficiência, ganho de escala, (...), ampliação na área de atuação e gestão cada vez mais profissional”. Isso reforça o fato de que a atuação das cooperativas de crédito no país é de suma importância para a liberação de crédito no mercado e para fomentar a atividade comercial entre as empresas e estimular a concorrência no próprio SFN.

Dado que as cooperativas são organizações de pessoas e que surgem como uma alternativa para geração de renda, as taxas praticadas por elas assim como aquelas praticadas pelas demais instituições financeiras serão discutidas a seguir.

### **3 COOPERATIVAS DE CRÉDITO VERSUS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS: UM DEBATE SOBRE TAXAS**

As cooperativas de crédito têm se demonstrado como um importante instrumento de desenvolvimento para as economias, e no Brasil isso não é diferente. Em estudo realizado por uma parceria entre o Sistema Sicredi e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), foi demonstrado que o cooperativismo de crédito propicia um aumento no Produto Interno Bruto per capita dos municípios brasileiros em 5,6%, além de criar 6,2% das vagas de trabalho formal e ainda estimular o empreendedorismo local, com aumento de 15,7% dos estabelecimentos comerciais (FIPE, 2019).

Segundo a pesquisa, os municípios que passaram a contar com a presença de cooperativas de crédito no período do estudo (1994 a 2017), totalizando cerca de 1,4 mil municípios, geram em um ano um impacto agregado de mais de R\$ 48 bilhões



(FIPE, 2019). Esses dados confirmam a solidez e a saúde financeira dessas instituições cooperativas, demonstrando que o cooperativismo de crédito possui influência importante frente ao Sistema Financeiro Nacional, se mostrando como um instrumento sustentável para ampliação do acesso ao crédito e demais serviços financeiros.

O Diretor de Fiscalização do Bacen ressalta que de fato o cooperativismo de crédito promove a concorrência no sistema financeiro, o que auxilia na redução de taxas de juros, ampliando a oferta de crédito e a eficiência geral desse sistema (Peroni, 2020). Ainda segundo o diretor, isso ocorre principalmente pelo crescimento do cooperativismo de crédito no Brasil, gerando a capilaridade e também a oferta de bens e serviços financeiros, que geraria, no médio e longo prazo, o aumento saudável da competição e levaria ao fortalecimento do sistema financeiro, exigindo mais eficiência das instituições bancárias e maior investimento para a expansão de produtos e serviços.

Nesse sentido, é comum encontrar sites de notícias, de instituições financeiras e de organizações cooperativas frequentemente destacando vantagens de se fazer parte de uma cooperativa de crédito. Dentre as principais vantagens, uma das mais corriqueiras são as taxas mais baixas das cooperativas de crédito do que das instituições bancárias.

Em reportagem especial para o Valor Investe, Lewgoy (2020) destaca as diferenças principais entre as cooperativas de crédito e os bancos e ressalta que as linhas de crédito com maior risco (como empréstimo pessoal e cartão de crédito) são mais baratas em cooperativas do que em bancos, o que reforçaria as tarifas mais baixas de serviços financeiros, assim como as taxas de juros. Com dados do Banco Central, do Sicredi e do Sicoob, a repórter traz um comparativo médio de taxas de juros, em que fica explicitada a diferença entre as taxas de juros das cooperativas de crédito (Sicoob e Sicredi) e dos bancos (Tabela 2).

Tabela 2 – Taxas médias de juros – valores mensais data-base 2019

<b>Modalidade de crédito</b>	<b>Taxas de juros média nos bancos</b>	<b>Taxa de juros média no Sicredi</b>	<b>Taxa de juros média no Sicoob</b>
Crédito pessoal	6,08%	3,41%	1,71%
Cheque especial	12,40%	7,61%	6,52%
Cartão de crédito rotativo	12,67%	11%	8,40%
Cartão de crédito parcelado	8,92%	6,30%	5,20%
Crédito consignado	1,57%	1,62%	1,43%
Financiamento de veículo	1,49%	1,53%	1,29%

Fonte: Adaptado de Lewgoy (2020)

Há ainda estudos internacionais e nacionais que avaliam a competição exercida pelas cooperativas de crédito influenciando as taxas de juros de operações de crédito em instituições bancárias.

Tokle e Tokle (2000) analisaram o efeito da concorrência pelas cooperativas de crédito no comportamento dos bancos em Idaho e Montana, nos Estados Unidos. Os autores analisam as taxas de juros bancárias e sua relação com a participação no mercado das cooperativas, encontrando resultados de que a concorrência econômica causada pelas cooperativas resultaria em taxas de juros mais altas para os bancos.

Feinberg (2001a, 2001b) também estudou a relação entre as taxas de juros de bancos e de cooperativas de crédito nos Estados Unidos. Em Feinberg (2001a), o autor analisa a lógica econômica dos mercados financeiros para propor as premissas do modelo, levantando discussões sobre o poder de mercado das instituições financeiras. Dentre as conclusões, destaca-se que o aumento da participação de mercado das cooperativas de crédito reduziria o poder de mercado e que o aumento da elasticidade/preço da demanda também seria acompanhado pela queda do poder de mercado (Feinberg, 2001a). Além disso, os resultados empíricos de Feinberg (2001a) sugerem que as taxas bancárias de empréstimos com garantias (como veículos e hipotecas) são afetadas pela participação das cooperativas de crédito no mercado, o que não foi possível constatar em transações sem garantias.

Já em Feinberg (2001b), são acrescentadas outras evidências para a discussão.

Segundo o autor, em regiões com maior facilidade de inserção de cooperativas de crédito por parte dos órgãos reguladores, as taxas de juros pagas pelos clientes de bancos são mais baixas. Além disso, a influência das cooperativas de crédito nas taxas bancárias tende a ser intensificada em ambientes com maior concentração de mercado (Feinberg, 2001b).

Hannan (2003) destaca que o aumento da participação das cooperativas de crédito no sistema financeiro as tornaria potenciais concorrentes para os bancos, e, portanto o autor analisa o impacto da presença das cooperativas de crédito no mercado americano examinando o comportamento das precificações das instituições bancárias em ambientes com cooperativas de crédito. O autor avalia diferentes métricas de importância das cooperativas de crédito nas áreas de atuação e constata que a presença das cooperativas mostra, em vários casos, uma relação com as taxas bancárias, indicando que as cooperativas de crédito são uma força competitiva nesses mercados.

Kondo (2017) analisou se as cooperativas de crédito em mercados regionais japoneses competem em preço com as instituições bancárias, com foco para os efeitos da participação de mercado das cooperativas sobre as taxas de empréstimos bancários. Os resultados indicaram que as cooperativas de crédito competem entre si e com os bancos no mercado regional, refletindo, portanto, sobre as taxas de empréstimo.

Lawrence, Nguyen e Pacheco (2022) investigaram a concorrência em termos de taxas de juros de depósitos e empréstimos em cooperativas de créditos e bancos estadunidenses. Os resultados do estudo apontaram que as cooperativas de crédito oferecem as melhores taxas de juros de depósitos e de empréstimos aos clientes em geral, quando comparadas aos bancos. Os autores ressaltam que a isenção fiscal nas cooperativas de crédito, juntamente com as diferenças nos modelos de negócio, portanto, proporciona benefícios significativos aos usuários, através de melhores taxas de juro de depósitos e empréstimos.

No contexto brasileiro, também existem estudos que abordam essa mesma linha de pesquisa. Annibal e Koyama (2011a) comparam as taxas de juros de empréstimos pessoais tanto de bancos quanto de cooperativas de crédito, para averiguar se há diferença entre elas. Os autores identificam que as taxas cobradas pelas cooperativas de crédito eram mais baixas que as taxas bancárias, mas não houve evidências de que a concorrência das cooperativas fosse suficiente para reduzir as taxas de juros cobradas pelos bancos (Annibal; Koyama, 2011a).

Campos *et al.* (2011) também buscaram analisar essa relação, mas de uma forma mais exploratória, comparando as taxas de bancos e uma cooperativa de crédito em relação às tarifas de serviços prioritários, do estado do Espírito Santo. Os resultados indicaram que a cooperativa de crédito possuía taxas mais baratas que os bancos para alguns dos serviços, mas mais caras em outros. Apesar disso, os autores ressaltam a importância das cooperativas para o desenvolvimento socioeconômico e a distribuição das sobras retornando em benefício aos cooperados, que seriam outros diferenciais das cooperativas de crédito (Campos *et al.*, 2011).

Abreu (2014) também examina a relação entre a participação de mercado das cooperativas de crédito e as taxas de juros dos bancos no Brasil, mas a partir de duas suposições: que uma maior participação das cooperativas pode influenciar nas taxas de juros ou que as cooperativas seriam motivadas a ambientes com taxas de juros mais altas, devido à competitividade. Os resultados indicaram que em ambientes com baixa participação, as cooperativas não conseguem exercer impacto sobre as demais instituições do sistema financeiro, e sua participação de fato tende a aumentar em localidades com maior possibilidade de receitas. Além disso, em mercados com participação expressiva das cooperativas de crédito, há evidências de que elas são capazes de impactar o sistema de preços de mercado em algumas operações financeiras (Abreu, 2014).

O Banco Central do Brasil, no Relatório de Economia Bancária de 2019, divulgou um estudo que avalia o comportamento das cooperativas de crédito e de bancos

privados com relação às taxas das operações de crédito. A proposta do estudo foi avaliar se as cooperativas de crédito fornecem crédito mais barato para novos clientes para depois aumentar os spreads das novas operações ao longo do tempo (Bacen, 2019c). Os resultados indicaram que as cooperativas de crédito, assim como os bancos privados, também aumentam as taxas em novas operações com clientes, mas que a intensidade do aumento é relativamente menor do que as dos bancos privados (Bacen, 2019c; Ornelas; Silva; Doornik, 2022).

A FIPE (2019), em estudo especial sobre os benefícios econômicos do cooperativismo de crédito na economia brasileira, constata resultados de que as cooperativas de crédito, em comparação com as demais instituições financeiras do SFN apresentam taxas de juros inferiores para as micro, pequenas e médias empresas para a carteira de crédito de pessoas jurídicas. O estudo também destaca que a inclusão financeira e o crescimento das cooperativas repercutem de forma geral no ambiente, colaborando para aumento da concorrência, redução de desigualdades econômicas e de acesso ao crédito (FIPE, 2019).

Motoki, Cruz e Assunção (2022) analisam as mudanças nas taxas de juros de crédito pessoal que os bancos cobram quando as cooperativas de crédito atuam na mesma localidade no cenário brasileiro. Os autores se utilizam de dados mensais de 2012 a 2017 sobre as operações de crédito com pessoas físicas, para avaliar as possíveis diferenças nas taxas de juros. Os resultados indicam que quando uma cooperativa de crédito opera em um local, as taxas de juros dos bancos ficam mais baixas,

Dessa forma, percebe-se que o debate atual gira em torno da ideia de que as cooperativas de crédito e os bancos estão competindo no mercado. Assim, se essa proposição for, de fato, verdadeira, a presença de cooperativas de crédito no mercado deveria reduzir a taxa de juros média dos bancos, o que beneficiaria não só os associados a cooperativas de crédito, mas também a população consumidora de serviços financeiros de um modo geral. Com base na revisão da literatura que demonstra resultados diferentes em estudos internacionais e nacionais sobre a

influência das cooperativas de crédito nas taxas de juros bancárias, formulamos a seguinte hipótese para este estudo:

**Hipótese da pesquisa:** A presença e participação das cooperativas de crédito no mercado financeiro brasileiro têm um efeito significativo na redução das taxas de juros médias praticadas pelos bancos.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Classificação da Pesquisa

Este estudo pode ser caracterizado quanto aos objetivos, quanto aos procedimentos e quanto à abordagem do problema, conforme classificação de Beuren (2014). Quanto aos objetivos o estudo é descritivo-exploratório, pois busca descrever, caracterizar, analisar e interpretar um fenômeno para explorar a tentativa de explicar as causas e consequências desse fenômeno, que neste caso trata-se das taxas de juros de instituições financeiras. Quanto aos procedimentos, foram utilizadas as estratégias bibliográfica – para construção da pesquisa em si – e documental – para a coleta e tratamento de dados, que serão descritos na seção posterior. Quanto à abordagem do problema a pesquisa é quantitativa, pois foram utilizados tratamentos estatísticos para a análise dos resultados da pesquisa.

### 4.2 Unificação da Base de Dados

Os dados utilizados na pesquisa são resultados da unificação de quatro bases de dados disponibilizadas pelo Banco Central do Brasil (Bacen) e uma base de dados disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Estatísticas Bancária Municipal (ESTBAN), Relatório 4010 para Bancos, Relatório 4010 para Cooperativas de Crédito e a base de dados de localidade dos postos de atendimento. Todas as quatro bases de dados obtidas junto ao Bacen são para os meses referentes ao final dos trimestres do ano de 2019 e a unificação dessas bases com a base do IBGE seguiu as etapas apresentadas a seguir.

O primeiro passo foi gerar uma tablita que continha todos os 5.572 municípios brasileiros conforme o IBGE em 2019. Os nomes de todos os municípios desta base estavam em letras maiúscula e acentuados, porém não normalizado com os nomes apresentados pelas bases de dados do Bacen. Desta forma, para criar a tablita, de forma que fosse possível dialogar com a base do Bacen, todas as letras acentuadas foram substituídas pelas respectivas letras sem o acento.

Posteriormente, o mesmo procedimento foi realizado sobre a base de dados referente à localidade dos postos de atendimentos bancários e cooperativos disponibilizado pelo Bacen. No entanto, nesta base, foi necessário retirar dos nomes dos municípios e do campo CNPJ, o excesso de espaço. Sobre os nomes dos municípios, como os dados são preenchidos pelas empresas, e em alguns casos as empresas foram fundadas antes do novo acordo ortográfico, algumas empresas colocam hifens em seus municípios, enquanto o mesmo na tablita gerada e baseado no IBGE estão sem a hifenização. Da mesma forma, algumas firmas tendem a escrever as preposições “do”, “da” colocando aposto, enquanto na base do IBGE as preposições não assumem a forma muda. Para corrigir essa relação, a base do Bacen foi atualizada.

Com as atualizações apresentadas sobre a tablita gerada a partir da base do IBGE e com a base de postos de atendimento do BACEN, as duas bases foram unificadas através do nome dos municípios. Como resultado, a base de postos de atendimentos do Bacen agora passa a ter o código de sete dígitos do IBGE para todos os municípios que recebem pelo menos um posto de atendimento bancário ou cooperativo (seja agência bancária ou agência cooperativa ou um posto de atendimento autorizado pelo Bacen simples). Cerca de 20 municípios grafados erroneamente pelas empresas na base disponibilizada pelo Bacen precisaram ser corrigidos manualmente.

Com a base dos postos de atendimento contendo o código de sete dígitos do IBGE e o CNPJ das instituições financeiras, foi possível identificar onde estão os postos de atendimento cooperativos e os postos de atendimentos bancários. No entanto, estes já estão demonstrados pela base de dados ESTBAN, que inclusive em meados de

2019 passou a incluir o código de sete dígitos do IBGE, algo que não era feito na versão anterior. Portanto, para simplificar o processo de unificação das bases de dados, todos os verbetes, de todos os quatro trimestres, da base ESTBAN foram excluídos e foram mantidos somente a configuração dos bancos em seus locais de atuação (CNPJ, código 7 dígitos IBGE, município, nome fantasia dos bancos, quantidade de agências bancárias que os bancos têm em cada município).

Neste ponto, foi utilizada a linguagem artificial de máquina para manter todos os bancos que atuaram por pelo menos um mês no ano de 2019. Desta forma, a linguagem de máquina manteve em sua base de dados as observações dos bancos distribuídos em 3.368 municípios. Após este processo, esta base foi unificada à base de postos de atendimento cooperativo, totalizando as observações de bancos e cooperativas de crédito distribuídas em 4.063 municípios.

De posse desta configuração, o último passo envolveu as duas bases de dados obtidas junto ao BACEN referentes ao relatório 4010. Este relatório contém dados contábeis das cooperativas de crédito e dados contábeis de todos os bancos. A partir destes dados, foi possível calcular a taxa de juros que os bancos e as cooperativas de crédito contabilizam mensalmente ao dividir o verbete “renda com operações de crédito” pelo verbete “total de empréstimos e títulos descontados”. No entanto, considerando o padrão do Bacen de autorização de funcionamento ativa, somente se os dados são entregues a cada três meses, os dados considerados são apenas para os meses de março, junho, setembro e dezembro.

O resultado da divisão apresentada no parágrafo anterior é a *proxy* de taxa de juros mensal cobrada pela cooperativa ou pelo banco. No entanto, para evitarmos *outliers*, os bancos e as cooperativas que apresentaram taxas nos trimestres acima de 100% foram retirados da amostra. Essa exclusão ocorre, pois, novamente, como os dados são informados pelas firmas, erros ao divulgar os dados podem estar influenciando a amostra e esses erros são corrigidos logo no trimestre seguinte. Para corrigir esses problemas, foi realizado o teste de Mahalanobis e de quebra estrutural



temporal, que juntos confirmaram a hipótese de erros pontuais na demonstração dos dados.

No entanto, outro viés ainda poderia estar atuando na construção da base e esse viés são as centrais das cooperativas de crédito. Isso porque a função de empréstimo dessas firmas é diferente das cooperativas de crédito singulares. Assim, novamente foram retiradas da amostra as Cooperativas de Crédito Centrais. Por fim, para obter a taxa de juros média dos bancos e das cooperativas de crédito, a média simples dos quatro trimestres de 2019 foi retirada para os bancos e as cooperativas. É esta média que está sendo analisada neste trabalho.

### **4.3 Procedimentos estatísticos**

A fim de verificar as diferenças de taxas de juros entre as cooperativas de crédito e os bancos e entre bancos de municípios em que existem cooperativas de crédito e bancos de municípios em que não há cooperativas de crédito, foram utilizados testes de diferença neste estudo.

No entanto, inicialmente foi verificada a distribuição dos dados da variável de taxa de juros, por meio dos testes de normalidade Shapiro-Wilk e Shapiro-Francia. Por meio desses testes foi constatado que os dados não seguiam uma distribuição normal, e, portanto, deveriam ser aplicados testes de diferenças não paramétricos para verificar a existência de diferenças nas taxas de juros.

Dessa forma, foi utilizado o teste de Mann-Whitney ou Wilcoxon que testa a hipótese de que duas amostras independentes são de populações com a mesma distribuição a partir do teste de soma de classificação de Wilcoxon (Mann; Whitney, 1947, Wilcoxon, 1947). Assim, o teste verifica se há diferença de média entre os grupos testados para cada objetivo deste estudo. Ainda para verificar essa diferença da taxa entre os grupos, foi utilizado o teste de igualdade de mediana não paramétrico, que testa a hipótese nula de que as amostras foram retiradas de populações com medianas iguais (Martins; Theóphilo, 2016).

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com as discussões e fundamentações apresentadas, resta verificar a existência de uma possível concorrência entre as cooperativas de crédito e os bancos, analisando primeiramente se existem diferenças entre as taxas de juros cobradas por ambos os tipos de instituição financeira.

Tabela 3 – Testes para Verificar as Diferenças de Taxas de Juros entre as Cooperativas de Crédito e os Bancos em localidades que operam Somente Cooperativas de Crédito ou Somente Bancos – 2019

Hipótese nula do teste	Teste de Mann-Whitney		Teste de Mediana	
	Estatística Z	Valor-p	Estatística $\chi^2$	Valor-p
$H_0$ : as taxas de juros dos bancos e das cooperativas são iguais em locais em que operam somente bancos ou somente cooperativas	16,138	0,000	0,0632	0,802
Localidades com “Apenas Bancos” ou “Apenas Cooperativas”	Média	Mediana		
Juros de cooperativas	0,1335	0,1221		
Juros de bancos	0,1466	0,1403		

Fonte: Resultados da Pesquisa

Assim, para esta primeira comparação entre as taxas de juros calculada a partir dos empréstimos e títulos descontados das cooperativas de crédito e dos bancos foram considerados apenas os municípios que possuíam cooperativas de crédito ou bancos, excluindo-se, portanto, os municípios com a presença de ambas as instituições. Observou-se que há diferença de taxa média entre as cooperativas de crédito e os bancos, sendo a taxa das cooperativas de 13,35% e dos bancos de 14,66% (Tabela 3). Assim, constata-se que para o ano de 2019, as cooperativas de crédito apresentaram taxas de juros de empréstimos e títulos descontados menores do que os bancos para as localidades em que só operavam um dos dois tipos de instituição. Nesse sentido, os tomadores de empréstimos dessas cooperativas obtiveram vantagens financeiras frente aos municípios que contavam apenas com a presença de bancos. Entretanto

não foi possível observar diferença na mediana para esta comparação, sendo os valores de mediana para bancos e cooperativas de crédito estatisticamente iguais para a amostra em questão.

Apesar de estatisticamente não haver diferença na mediana das taxas de juros de empréstimos e títulos descontados entre os bancos e cooperativas de crédito que operavam sem a presença um do outro, traz-se neste estudo os bancos que apresentaram taxas de juros superiores à mediana das cooperativas de crédito. Assim, na Figura 1 é possível observar os bancos que apresentaram taxas de juros superiores a 12% (considerando municípios que continham apenas bancos), que representa a mediana das cooperativas de crédito para esta amostra. Destaca-se também que dentre os bancos com taxas de juros de empréstimos e títulos descontados superior à mediana das cooperativas de crédito, encontram-se os cinco maiores bancos do Brasil, quais sejam: Bradesco, Banco do Brasil, Santander, Caixa Econômica e Itaú Unibanco.

Figura 1 – Lista dos Bancos com Taxas de Juros Representativo de Empréstimos e Títulos Descontados superiores a 12% em 2019

<b>BANCOS COM TAXA DE JUROS SUPERIOR A 12%</b>
BCO BRADESCO S.A.
BCO DA AMAZONIA S.A.
BCO DO BRASIL S.A.
BCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.
BCO MERCANTIL DO BRASIL S.A.
BCO SANTANDER (BRASIL) S.A.
CAIXA ECONOMICA FEDERAL
ITAÚ UNIBANCO S.A.

Fonte: Resultados da Pesquisa

Ainda analisando as diferenças de taxas entre as cooperativas de crédito e os bancos, verificou-se a existência de diferença entre as taxas de juros considerando municípios que possuem ambas as instituições, tanto as cooperativas de crédito quanto os bancos (Tabela 4). Aplicando-se os testes nota-se que foi possível comprovar diferença de média e mediana das taxas de juros para essa análise. Assim, constata-

se que em municípios com a presença de cooperativas de crédito e de bancos, a taxa de juros de empréstimos e títulos descontados é mais baixa para as cooperativas. Enquanto os bancos operaram com taxas médias de 14,89%, as cooperativas operavam com 11,81% de juros sobre os empréstimos e títulos descontados. Considerando a mediana, as cooperativas de crédito apresentaram valores iguais a 11,16%, enquanto a taxa mediana dos bancos está em 14,03%.

Tabela 4 – Testes para Verificar as Diferenças de Taxas de Juros entre as Cooperativas de Crédito e os Bancos em localidades em que operam ambas as instituições financeiras – 2019

Hipótese nula do teste	Teste de Mann-Whitney		Teste de Mediana	
	Estatística Z	Valor-p	Estatística $\chi^2$	Valor-p
$H_0$ : as taxas de juros dos bancos e das cooperativas são iguais em locais em que ambas as instituições operam	53,560	0,000	2,4e+03	0,000
Localidades com “Bancos e Cooperativas”	Média	Mediana		
Juros de cooperativas	0,1181	0,1116		
Juros de bancos	0,1489	0,1403		

Fonte: Resultados da Pesquisa

As taxas de juros mais baixas sempre foram um dos principais destaques do cooperativismo de crédito, sendo usualmente tratado como um aspecto vantajoso para utilização de linhas de crédito. Neste estudo, portanto, também se constatou essa ideia, uma vez que foi possível observar taxas de juros de empréstimos e títulos descontados mais baixas para as cooperativas de crédito em comparação com os bancos, para as taxas aplicadas no ano de 2019.

A natureza das cooperativas sem a finalidade lucrativa, as características de propriedade dos membros e de governança, as isenções fiscais e o foco na comunidade são alguns dos argumentos favoráveis para as cooperativas de crédito possuírem taxas de juros mais baixas que os bancos. Entretanto, em complemento, é preciso considerar que existem diversas características que determinam as taxas de empréstimos das cooperativas de crédito, como destacado por Fullerton Jr. e Muñiz (2020).

Lawrence, Nguyen e Pacheco (2022) também encontraram resultados que se alinham aos encontrados neste estudo, ressaltando que as cooperativas de crédito oferecem taxas de depósito mais elevadas e, ao mesmo tempo, cobram taxas de empréstimo mais baixas. O número de instituições financeiras em um mercado também pode afetar as taxas de empréstimos e depósitos. Como observado acima, pode-se contribuir com o argumento de Tokle e Tokle (2000), que constatam que os mercados locais com percentagens mais elevadas de adesão a cooperativas de crédito incentivam uma maior concorrência de preços entre as instituições financeiras, o que poderia explicar as diferenças de taxas de juros entre as instituições.

Considerando a diferença entre as taxas de juros praticadas pelas cooperativas de crédito com relação aos bancos, surge outra questão a ser avaliada, se em regiões com presença de bancos e cooperativas de crédito, as taxas de juros dos bancos seriam menores devido a possível concorrência exercida pelas cooperativas.

Para isso, foram realizados testes de diferença de média e mediana entre dois grupos de bancos: os bancos de locais em que há cooperativas de crédito e os bancos de locais em que há apenas bancos. Apesar de o teste de mediana ter indicado diferença entre os dois grupos de análise, ocorreu que numericamente os valores da mediana são iguais para os dois grupos, não sendo, portanto, interpretado. O teste de médias também indicou diferença entre as taxas dos bancos, entretanto com resultado divergente ao esperado. Esperava-se que bancos de localidades que possuem também cooperativas de crédito operassem com taxas menores do que os bancos de localidades em que existem apenas os bancos. Caso essa diferença fosse constatada seria possível inferir sobre a existência de uma possível concorrência entre as cooperativas e os bancos, sinalizando que as cooperativas seriam capazes de balizar/ influenciar as taxas de mercado. Entretanto, evidencia-se que há diferença nas taxas de juros dos bancos, mas que os bancos localizados em municípios com a presença de cooperativas, na verdade, apresentaram taxas maiores (14,89%) em comparação com os bancos de municípios sem cooperativas de crédito (14,66%), considerando as taxas de empréstimos e títulos descontados (Tabela 5).

Tabela 5 – Testes para Verificar as Diferenças de Taxas de Bancos de locais em que há apenas bancos e de Bancos de locais com bancos e cooperativas de crédito – 2019

Hipótese nula do teste	Teste de Mann-Whitney		Teste de Mediana	
	Estatística Z	Valor-p	Estatística $\chi^2$	Valor-p
$H_0$ : as taxas de juros de bancos de locais em que operam somente bancos e de bancos de locais em que operam bancos e cooperativas são iguais	6,423	0,000	97,9318	0,000
<b>Localidades com “Apenas Bancos” e “Bancos e Cooperativas”</b>	<b>Média</b>		<b>Mediana</b>	
Juros de bancos – locais com “Apenas Bancos”	0,1466		0,1403	
Juros de bancos – locais com “Bancos e Cooperativas”	0,1489		0,1403	

Fonte: Resultados da Pesquisa

Assim, observou-se que, considerando as taxas de juros de empréstimos e títulos descontados para o ano de 2019, não foi possível encontrar evidências de que as cooperativas balizam as taxas de mercado. Entretanto, esse resultado pode estar relacionado à baixa participação das cooperativas no Sistema Financeiro brasileiro, que era de cerca de 3% para ativos totais e 4,6% da carteira de crédito do total dos recursos do mercado (Bacen, 2019b). Essa baixa participação pode explicar a dificuldade das cooperativas em impactar as taxas de juros de mercado, uma vez que a sua influência seria proporcionalmente limitada devido ao tamanho reduzido em relação aos bancos comerciais. Esse fator pode ser um importante contexto para compreender a falta de evidências de que as cooperativas balizam as taxas de mercado.

Ambientes com baixa participação das cooperativas de crédito poderia gerar incapacidade para impactar o sistema, enquanto mercados com expressiva participação das cooperativas de crédito poderia impactar os preços de mercado para as operações financeiras (Abreu, 2014), já que ambientes com maior concentração de mercado tendem a intensificar a influência das cooperativas de crédito nas taxas de juros dos bancos (Feinberg, 2001b).

Além das características do mercado brasileiro em geral, as características dos municípios e do perfil de consumo dos clientes poderia também influenciar os resultados. Assim, não considerar o perfil de consumo diferenciado por localidade pode ocultar a diferença entre as taxas praticadas nesses municípios com e sem a presença de cooperativas de crédito (Annibal; Koyama, 2011a). Dessa forma, é importante considerar que diferentes demandas e comportamentos de consumo em diferentes localidades podem afetar as taxas de juros praticadas pelas cooperativas de crédito e pelos bancos. Importante ainda considerar que as cooperativas de crédito podem adaptar suas ofertas com base nas necessidades específicas de diferentes regiões, o que pode, conseqüentemente, afetar a variação nas taxas.

Os resultados também podem ser um indício de que as cooperativas competem entre si, mas não necessariamente com os bancos. Essa dinâmica competitiva entre cooperativas de crédito e bancos pode variar dependendo do contexto e dos produtos financeiros em questão (Lawrence; Nguyen; Pacheco, 2022). Isso pode explicar por que as cooperativas de crédito podem concorrer efetivamente em algumas áreas, mas não em outras, levando a diferentes resultados em relação às taxas de juros.

Kondo (2017) encontra resultados de que exista concorrência entre cooperativas de crédito considerando mercados regionais japoneses. No Brasil, a Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito do Brasil (PTC), considerando o primeiro trimestre de 2010, indica que dentre os fatores que afetaram ou afetariam a capacidade ou disposição das instituições financeiras em conceder novas linhas de crédito voltadas ao consumo de pessoa física, o menor deles era a preocupação de concorrência de instituições não bancárias (Annibal; Koyama, 2011b). Dentre os fatores levantados pela PTC, em uma escala de 0 a 10 em grau de importância, a concorrência de instituições não bancárias representava apenas 3,9, enquanto a concorrência de outros bancos representava 6,4 (Annibal; Koyama, 2011b). Já o Relatório de Economia Bancária de 2019 (Bacen, 2019c) indica que os fatores que mais afetam o comportamento da oferta de crédito para as pessoas físicas no consumo em geral eram: nível de compromisso da renda

do consumidor, o nível de inadimplência da carteira e o nível de tolerância ao risco; não configurando a concorrência com instituições não bancárias como fator relevante para a concessão de crédito. Assim, os resultados aqui apresentados, de que as taxas de bancos de locais com a presença de cooperativas de crédito são maiores do que as taxas de bancos de locais sem a presença das cooperativas, também pode ser um indício de que os bancos concorram entre si, mas não com as cooperativas.

Além disso, os resultados deste estudo corroboram com os achados de Annibal e Koyama (2011a) que também encontraram diferença entre as taxas bancárias e as taxas cobradas pelas cooperativas de crédito, sendo as das cooperativas mais baixas, mas também não encontraram evidências de que a concorrência exercida pelas cooperativas de crédito fosse suficiente ao ponto de influenciar as taxas de juros cobradas pelos bancos. O estudo de Campos et al. (2011) também indica que as taxas de juros cobradas pelas cooperativas de crédito eram mais baixas que as taxas bancárias. No entanto, não encontraram evidências de que a competição das cooperativas fosse suficiente para reduzir significativamente as taxas de juros dos bancos. Esses resultados sugerem que a relação entre cooperativas de crédito e taxas de juros bancárias pode se comportar de maneira mais complexa do que o esperado. Fundamentado nisso, deve-se considerar que fatores como concorrência, contexto regional e produtos financeiros específicos podem influenciar essa relação (Lawrence, Nguyen; Pacheco, 2022; Ornelas; Silva; Doornik, 2022). Isso destaca a importância de uma análise abrangente e contextualizada das interações entre cooperativas de crédito e bancos, a fim de esclarecer o contexto de atuação dessas instituições financeiras.

Por fim, ressalta-se que apesar de os resultados não indicarem as cooperativas de crédito como balizadoras das taxas de mercado considerando os empréstimos e títulos descontados, é importante ressaltar o papel importante das cooperativas de crédito no que diz respeito a inclusão financeira da população e a redução das desigualdades econômicas e de acesso ao crédito (FIPE, 2019). Ou seja, mesmo que as cooperativas de crédito possam não ter um impacto direto nas taxas de juros de



mercado, sua contribuição para a inclusão financeira e o acesso a serviços financeiros é fundamental para o desenvolvimento econômico e social.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir de dados sobre empréstimos e títulos descontados dos bancos e cooperativas de crédito, esse estudo buscou investigar se as cooperativas de crédito exercem influência nas taxas de juros do mercado financeiro. Para isso foram realizados testes de diferenças entre as taxas das cooperativas de crédito e dos bancos, bem como testes considerando as taxas de bancos de locais com e sem a presença de cooperativas de crédito.

Os resultados indicaram que as cooperativas de crédito apresentam taxas mais baixas para empréstimos e títulos descontados do que os bancos. Apesar disso, não foi possível encontrar resultados de que elas balizem as taxas de juros do mercado, uma vez que as taxas de juros dos bancos de municípios com a presença de cooperativas foram mais altas que as taxas dos bancos de locais sem cooperativas de crédito.

Nesse sentido, as cooperativas de crédito apresentam vantagens com relação à oferta de crédito para seus cooperados, uma vez que possuem taxas mais baixas que os bancos. Assim, os benefícios se restringem aos cooperados, uma vez que as cooperativas de crédito não conseguem exercer concorrência suficiente para reduzir as taxas de juros dos bancos, o que poderia beneficiar a todos os usuários dos serviços financeiros de uma localidade em geral. Estudar os fatores que fazem com que as taxas de juros das cooperativas sejam mais baixas não foi escopo desta pesquisa e pode ser explorado em estudos futuros.

Apesar de não ter sido possível identificar a redução de taxas de juros de empréstimos e títulos descontados em bancos de municípios com a presença de cooperativas de crédito, este estudo traz perspectivas para que outros trabalhos sejam realizados considerando fatores como a concentração de mercado e fatores socioeconômicos e sociodemográficos dos municípios, que podem interferir nas taxas de juros dessas instituições.

Além disso, as próprias características do mercado brasileiro podem ajudar a explicar o resultado diferente do esperado. Por terem baixa participação no sistema financeiro, as cooperativas de crédito podem não ser um fator de preocupação para as instituições bancárias. Isso pode sugerir que os bancos não enxerguem um potencial concorrente nas cooperativas de crédito.

A disparidade nas taxas de juros entre cooperativas de crédito e bancos em municípios com a presença de cooperativas levanta um aspecto a ser explorado, que é a natureza dos públicos atendidos por essas instituições. Os cooperados das cooperativas de crédito e os clientes dos bancos podem ter perfis financeiros e necessidades distintas, o que levaria a tais diferenças. Além disso, a estratégia corporativa das cooperativas e dos bancos pode desempenhar um papel relevante, uma vez que são instituições com objetivos diferentes. Outras questões como a influência da estrutura operacional, custos, regulamentações, ambiente macroeconômico e estratégias governamentais também podem influenciar esse mercado e a forma com que as taxas de juros são definidas.

Uma vez que a relação entre as taxas de juros praticadas pelas cooperativas de crédito e pelos bancos pode variar dependendo do contexto específico, da região e das políticas internas de cada instituição, sugere-se que estudos futuros avaliem essas características que possam explicar a formação das taxas de juros das instituições financeiras. Além disso, é importante analisar e considerar as circunstâncias locais ao avaliar as taxas de juros praticadas pelas cooperativas de crédito em comparação com os bancos, dadas as diferentes características dessas instituições.

Estudos futuros também podem discutir as razões para as taxas de juros dos bancos serem maiores nos municípios com a presença das cooperativas, buscando identificar os públicos atendidos e suas necessidades financeiras em ambas as instituições. Discutir a competição entre as cooperativas e bancos, o ambiente macroeconômico e os fatores que, de fato, balizam as taxas de juros do mercado também podem ser questões a serem discutidas e que podem auxiliar a compreensão sobre essas características no mercado brasileiro.

Por fim, considerando que o cooperativismo de crédito está em constante crescimento no Brasil nos últimos anos, com perspectivas também para crescimentos futuros de acordo com o Banco Central, este resultado pode ser diferente em um médio ou longo prazo. As estratégias de fortalecimento do cooperativismo de crédito como ferramenta de aumento da concorrência no sistema financeiro e o consequente aumento da eficiência podem trazer, no futuro, resultados que indiquem a influência das cooperativas de crédito sobre as taxas de juros dos bancos.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABREU, S. A. The effects of credit unions on bank rates in the Brazilian market. **Diário del Supervisor Bancario**, n. 39, p. 1-12. 2014

ANNIBAL, C. A.; KOYAMA, S. M. Cooperativas de crédito: taxas de juros praticadas e fatores de viabilidade. **[Trabalhos para Discussão, 257]**. Brasília, DF: Banco Central do Brasil. 2011a.

ANNIBAL, C. A.; KOYAMA, S. M. Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito no Brasil. **[Trabalhos para Discussão, 245]**. Brasília, DF: Banco Central do Brasil. 2011b.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN. Cooperativas de crédito versus bancos privados: comportamento após a captura de novos clientes. **Relatório de Economia Bancária**. Brasília, DF: Banco Central do Brasil. p. 171-175. 2019c.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN. Modelo de Negócios de Cooperativas de Crédito. **Relatório de Economia Bancária**. Brasília, DF: Banco Central do Brasil. p. 62-29. 2019a.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN. **Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo de 2019**. Brasília, DF: Banco Central do Brasil. 2019b.

BEUREN, I. M. (Org.). **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

CAMPOS, T. S. M.; SOUZA, M. C; CAMPOS, F. C., et al. O Cooperativismo: uma Análise das Taxas Cobradas nos Serviços Prioritários de Bancos Versus Sistema de Cooperativas de Crédito. VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. **Anais...**, 2011.

FEINBERG, R. M. Credit unions: fringe suppliers or cournot competitors?. **Review of Industrial Organization**, v. 20, p. 105-113, 2001b.

FEINBERG, R. M. The competitive role of credit unions in small local financial services markets. **Review of Economics and Statistics**, v. 83, n. 3, p. 560-563, 2001a.

FULLERTON JR, T. M.; MUÑIZ, E. P. Credit union loan rate determinants in the United States. **Applied Economics**, v. 52, n. 49, p. 5413-5425, 2020.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS – FIPE. Benefícios econômicos do cooperativismo de crédito na economia brasileira. **Sistema de Crédito Cooperativo – Sicredi**. São Paulo. Dez. 2019.

HANNAN, T. H. The impact of credit unions on the rates offered for retail deposits by banks and thrift institutions. **FEDS Working Paper** n. 2003-06. 2003.

KONDO, K. Do credit associations compete with each other in Japanese regional lending markets? **Journal of Economics and Finance**, v. 41, n. 1, 195–210. 2017.

LAWRENCE, E. R.; NGUYEN, Ca; PACHECO, A. Interest Rate Competition among C Banks, S Banks, and Credit Unions. **Journal of Financial Services Research**, p. 1-24, 2022.

LEWGOY, J. **Cooperativas de crédito crescem com taxas baixas e agências**. Vale sair do banco? Valor Investe. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/organize-as-contas/noticia/2020/01/22/cooperativas-de-credito-crescem-com-taxas-baixas-e-agencias-vale-sair-do-banco.ghml>. Acesso em: 07 Jul. 2020.

MANN, H. B.; D. R. WHITNEY. On a test of whether one of two random variables is stochastically larger than the other. *Annals of Mathematical Statistics*. 1947.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. São Paulo, SP: Atlas. 2009.

MCKILLOP, D.; WILSON, J. O. S. Credit unions: A theoretical and empirical overview. **Financial Markets, Institutions & Instruments**, vol. 20, p. 79-123. 2011.

MOTOKI, F.; CRUZ, P.; ASSUNÇÃO, R. Banks' Reaction to Credit Unions: Evidence from a High-Interest Credit Market. **Available at SSRN**, 4160580.

OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras. (2020). **Organizações cooperativas brasileiras**. Disponível em: <https://somoscooperativismo.coop.br/ocb>. Acesso em: 09 Jul. 2020.

ORNELAS, J. R. H.; SILVA, M. S.; DOORNIK, B. F. N. Informational switching costs, bank competition, and the cost of finance. **Journal of Banking & Finance**, v. 138, p. 106408, 2022.

PERONI, J. M. O Futuro do Cooperativismo de Crédito. Entrevista. **MundoCoop**, ed. 93, Jul., 2020.

PINHEIRO, M. A. H. **Cooperativas de Crédito** - História da evolução normativa no Brasil. Brasília. 2008.

RUBIN, G. M.; OVERSTREET, G. A.; BELING, P. A.; RAJARATNAM, K. A dynamic theory of the credit union. **Annals of Operations Research**, vol. 205, p. 29-53. 2013.

TOKLE, R. J.; TOKLE, J. G. The influence of credit union and savings and loan competition on bank deposit rates in Idaho and Montana. **Review of Industrial Organization**, v. 17, p. 427-439, 2000.

WILCOXON, F. **Individual comparisons by ranking methods**. Biometrics. 1945.

## Contribuições de autoria

### 1 – Valéria Gama Fully Bressan

Doutora em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa, Professora do Departamento de Ciências Contábeis, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais.

<https://orcid.org/0000-0001-6340-9717> – [valeria.fully@gmail.com](mailto:valeria.fully@gmail.com)

Contribuição: Conceituação, Análise Formal, Obtenção de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

### 2 – Gustavo Henrique Dias Souza

Doutorando e Mestre em Controladoria e Contabilidade pela Universidade Federal de Minas Gerais, Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Viçosa.

<https://orcid.org/0000-0003-0441-8191> – [gustavohediso@ufmg.br](mailto:gustavohediso@ufmg.br)

Contribuição: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Software, Validação, Visualização, Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

### 3 – Marcelo Henrique Shinkoda Santos

Doutor e Mestre em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa, Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Ouro Preto.

<https://orcid.org/0000-0002-4106-7741> – [marceloshinkoda@hotmail.com](mailto:marceloshinkoda@hotmail.com)

Contribuição: Curadoria de Dados, Análise Formal, Metodologia, Software, Validação, Visualização, Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

### 4 - Marcelo José Braga

Doutor em Economia Rural pela Universidade Federal de Viçosa, Professor do Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentado, Universidade Federal de Viçosa.

<https://orcid.org/0000-0002-8161-405X> – [mjbraga@ufv.br](mailto:mjbraga@ufv.br)

Contribuição: Análise Formal, Metodologia, Supervisão, Validação, Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

## Como citar este artigo

BRESSAN, V. G. F.; SOUZA, G. H. D.; SANTOS, M. H. S.; BRAGA, M. J. Cooperativas de crédito e competitividade no mercado financeiro brasileiro: uma análise das taxas de juros **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, Santa Maria, v.10, e68474, 2023. DOI 10.5902/2359043268474. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2359043268474>.